

# Os Rapazes



Quinzenário \* 27 de Novembro de 1982 \* Ano XXXIX — N.º 1010 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

## Aqui, Lisboa!

*«Asilos e quejandos organismos, só nos casos de incapacidade familiar. Assim é que está certo.» (Pai Américo)*

Celebrou-se em 1982 o «Ano Internacional da Terceira Idade». Habitados, como estamos, à multiplicação de anos internacionais disto e daquilo, aparentemente, pelo menos, sem resultados substanciais ou palpáveis, tememos, por mais optimistas que queiramos ser, que tudo se cinja, ao fim e ao cabo, a um mero matraquear de frases feitas, sem mudança de mentalidade e do agir comum.

A realidade dos nossos dias é esta: um real progresso científico e tecnológico tem permitido aumentar a chamada esperança de vida, admitindo-se que, para o ano 2025, uma pessoa em cada oito terá mais de 60 anos. Acresce ainda que, com o abaixamento da idade da reforma, se reforçará o grupo de pessoas sem ocupação habitual. Ao contrário, infeliz-

mente, o retrocesso no campo dos valores morais e espirituais, leva a catalogar os indivíduos por meros critérios de consumismo e de eficiência, dividindo-os em activos e inactivos, considerando os segundos cidadãos de segunda categoria e levando as famílias a menosprezar os anciãos e a votá-los ao ostracismo e à solidão, quando não ao desprezo total.

É, de facto, trágica a situação, para lá das iniquidades e contradições que encerra. «A autêntica dimensão do homem, a mais importante», é a que — como acentuou João Paulo II numa alocução a anciãos italianos — «é feita de valores espirituais e culturais, cujo preço não se pode calcular por critérios económicos e que torna os homens essencialmen-

Cont. na 4.ª página

Este ano juntámos férias Padre Manuel António e eu; ele vindo de Benguela para retemperar forças e procurar remédio a pequenas falhas de saúde — pequenas, assim o esperamos.

Foi uma jornada de colheita «em exultação», a confirmar de como vale sempre a pena semear, ainda que «em lágrimas». É que, durante estes dias felizes, tivemos oportunidade de testar «como a Família é verdade!» Nove deles foram vividos em casa de um dos nossos, debruçada sobre o rio Minho onde ele é mais bonito: frente à Boega e Ilha dos Amores.

Mas a beleza maior encerra-se no Lar onde pais e filhos partilharam connosco o carinho que entre eles circula. Dois dons, portanto — e importantes: A intimidade espontânea que reina entre marido e mulher, entre pais e filhos, o que nos nossos tempos vem sendo mais raro; e a projecção sobre nós desta riqueza afectiva.

Regressámos regalados de mimos que, se não fora a carcassa já endurecida pelos anos e pelos trambolhões da vida, corriam o risco de nos estragar.

Mas não foi apenas lá a colheita. A ida e à volta procu-

## NOTA DA QUINZENA

rámos parar nas casas de outros de quem passávamos perto; e em todas a alegria do encontro foi uma constante.

Ora a verdade é que todos estes Rapazes conheceram em nossas Casas uma vida menos farta do que a das gerações de agora; e nem sempre a nossa convivência quotidiana navegou em «mar de azeite», antes, algumas vezes, experimentámos uns e outros horas de tormenta.

É certo, também, que não nos podemos pronunciar seguramente no tempo actual sem esperarmos que ele passe e o futuro deste momento nos permita ver mais objectivamente a qualidade das relações que se estabeleceram e enraizaram. Porém, parece-nos menos fácil no presente o aprofundamento da amizade. Porque será que sentimos assim? (Será apenas fruto do nosso sentimento debilitado pelo desgas-

te dos anos e dos trabalhos?...) Os Rapazes de hoje não são essencialmente diversos nem piores do que os do passado. O ambiente em que se vive é que é diferente e torna mais difícil a interiorização indispensável ao amadurecimento do Homem. Tudo em volta são faturas fictícias que entretêm e iludem as sensibilidades, mas não satisfazem os anseios mais autênticos da alma humana. Num Mundo em crise, moral e económica, a palavra austeridade também sofre de inflação e por isso mesmo o conceito que a palavra exprime, se degrada. E a austeridade é indispensável à edificação do homem. Não apenas como técnica de pedagogia, à maneira de Esparta; mas como alavanca que move o espírito à descoberta de que o Mundo é passagem e não pátria do homem, o tempo uma oportunidade e não a sua meta — e assim o eleva a critérios libertadores do equívoco frequente entre valores absolutos e valores relativos.

O homem é Homem a partir da alma e não da epiderme. É dentro dele que está o seu valor; não na sua aparência. O «odor de santidade» de que se fala a respeito dos que buscaram no exercício heróico de virtudes a tempera de suas vidas, não vem dos cosméticos.

A vida fácil — *la dolce vita* — foi e será sempre uma tentação do homem. A «sociedade de consumo» é uma alcatifa escorregadia que o homem de hoje pisa e lhe torna mais penoso o equilíbrio. E, no entanto, uma certa insatisfação dos sentidos é o caminho mais certo e mais recto para as grandes satisfações da alma humana. É ver como nós testemunhámos durante 24 horas, nestes dias, a alegria profunda que reina num Mosteiro de Contemplativas onde a Pobreza é Senhora. É ouvir, como, nestes dias, escutámos de uma grande Amiga a evocação da palavra com que seu Marido sempre justificara as exigências severas do seu Pai (que duraram até ele ser homem

## Partilhando

● Tocou a campainha do nosso Lar do Porto. Em dias de venda do nosso jornal toca tantas vezes..., a horas e a desoras! Alguém foi abrir: — É uma senhora que lhe quer falar.

São tudo senhoras e senhores! Era uma napatiguinha nova. Trazia na alma um problema pessoal e social! Um pequeno deficiente mental com absoluta necessidade de ser interna-

do. Expôs e disse. E só a meio da conversa é que a coragem da sua dor fez saltar toda a verdade:

— Ele é meu irmão!... E a mãe não o deve ter consigo. Já matou um filho e também

pode fazer o mesmo a este...

A mãe dele não é a mãe dela. A carne dividia a meio o que o espírito unia por inteiro. O interesse, o afecto e a dor! E a falta de esperança, assim: — A eles, ninguém os quer!...

Eles, deficientes. Nós, ninguém!

Ela, eu, tu. Nós. Ninguém! Oçam bem, isto...

● As folhas iam caindo naquela tarde linda de sol. Apenas o barulho delas a roçar pelos ramos; o das vassouras de giesta dos pequeninos varredores; e a voz do Nave, seu chefe: «Vamos lá, ó pá, olha o teu eito!» E tudo se curva, anda e varre! Ninguém discute... É a regra, com as devidas excepções. Outrora, alguns deles, a nada e a ninguém obedeciam. Agora, ouvem com atenção e estima a voz do chefe — um seu companheiro com mais responsabilidade. A voz da autoridade! Pelo sacrifício de mandar, de fazer e de ensinar. Pela disponibilidade de estar presente e acompanhar.



Ai de nós se não fossem os «Litos» a equilibrar o peso dos «Quicas»!...

Cont. na 4.ª página

Cont. na 3.ª página

# Palas Casas do Gaiato

## Tojal

**ESCOLAS** — Como é do conhecimento de todos, o ano escolar 1982/83 começou em Outubro. Com mais ou menos dificuldades, começou!

Então, para que tudo possa funcionar dentro da maior normalidade, tiveram que se fazer algumas alterações, no que toca às tarefas diárias internas.

A Escola Primária começou no dia 1 de Outubro — congregando o grosso da Comunidade nas mais variadas classes; a Telescola, logo a seguir; e as Escolas Secundárias, em Loures, só depois.

Temos alguns que passaram de ano e outros que transitaram da Telescola. Em Lisboa temos o Domingo no 11.º ano. Pois bem, para aqueles que foram pela primeira vez é, portanto, uma nova vida; mas para os restantes será alcançar mais um degrau na escala académica.

Assim se caminha e vive numa Obra que nunca pára. Bom ano!

**CATEQUESE** — Tal como tem acontecido, há uns anos a esta parte, a Catequese funciona em correlação com o ano escolar, mas tendo em

tos valores. Os catequistas são alguns dos rapazes mais velhos, e mais disponíveis, e duas pessoas muito nossas amigas. As segundas-feiras, preparação da lição. As sextas-feiras é a vez dos catecúmenos mais velhos. Sim! Porque estes, por vezes, ainda são os que precisam mais.

Para os catequistas e catequisados formulamos o maior empenho e alegria para que possa reinar a Paz e a Fraternidade.

**OLIVICULTURA** — Um pouco por toda a parte começou a apanha da azeitona. Também nós não fugimos a esta realidade: há pouco mais de uma semana, que a Comunidade tem sido mobilizada, quase na totalidade, para esta faina. Este ano parece mesmo prometer; e ainda bem que assim é! Então, enquanto

uns apanham, há outros mais conscientes que vão dando uma limpeza a estas abençoadas árvores que — na transformação do seu fruto — dão o tão precioso líquido, que nos tempos que correm está pelo preço do ouro!

**DESPORTO** — Presentemente, o futebol é o ponto culminante da nossa actividade desportiva, mas aguardamos ansiosamente a conclusão do pavilhão social polivalente. Não será para breve, nem a médio prazo, em virtude de termos só dois homens a trabalhar connosco.

Então, quando este sonho for concretizado, esperamos intensificar as nossas actividades desportivas. Contudo, pedimos às equipas ou grupos de futebol que nos contactem para: Casa do Gaiato — Santo Antão do Tojal — 2670 Loures; ou pelo telefone 9849019 da rede de Lisboa.

O Desporto é amizade! O Desporto é alegria!

Luis Eduardo

## Paço de Sousa

**DESPORTO** — O futebol voltou a estar em evidência!

A nossa equipa, depois de algum tempo de interrupção, tornou — e posso dizer que tornou — em grande!

Defrontámos uma equipa vizinha que venceu, há pouco tempo, um torneio organizado pelo F. C. Paço de Sousa. O encontro decorreu no meio de um ambiente satisfatório, apesar de várias canceladas; mas isso é natural, até nos profissionais.

No fim do encontro o resultado final foi 4-1 a favor do nosso Grupo Desportivo.

Apelamos a todas as equipas interessadas em defrontar-nos, o favor de o fazerem por escrito para: Desportivo da Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel.

Participa. O Desporto é uma Festa!

**VISITANTES** — A nossa Aldeia é visitada, durante o ano, por muitas pessoas que aproveitam várias ocasiões para virem trazer-nos a sua parte de amor e carinho.

O movimento cresceu neste fim de

semana com a feira de S. Martinho, na cidade de Penafiel. Como a distância é relativamente curta até à sede do concelho, várias excursões aproveitaram para dar uma breve vista de olhos pela nossa Aldeia. Apesar das visitas serem breves, a nossa Aldeia encontrava-se sempre cheia! Eram uns a partir, outros a chegar.

Para todos os que têm o prazer e a satisfação de nos visitar, o nosso muito obrigado.

**ESPIRITUALIDADE** — Com a aproximação do tempo do Advento surge a preparação da Festa do Natal, que dentro em pouco está à porta.

Como nem só de pão vive o homem, é altura indicada para uma verdadeira reflexão. E para se atingir tudo aquilo que se pretende, a mesma deve ser feita dentro do maior sossego.

Assim, encontram-se, em retiro, as senhoras que pertencem à nossa Comunidade de Paço de Sousa e às restantes Casas da Obra da Rua.

Há pouco tempo estiveram, também, num Convívio Fraternal alguns rapazes nossos e vizinhos, para terem um contacto mais directo com Deus. Esperamos que tenham beneficiado, porque, no tempo em que vivemos, a oração deve ser cada vez mais forte para se poder pôr termo a certos males que abalam o Mundo, mais concretamente a Humanidade.

Carlos Alberto

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● É pai de família. Trabalhador indiferenciado. Labuta no interior do País. Mas não deixa de vir a casa aos fins-de-semana, desoançar e fazer o ponto da situação.

Em tempos de crise chegam à mão do recoveiro dos Pobres mais e mais problemas sociais!

Encarámos o homem: bloqueado, triste, envarganhado, porque tempo-

ariamente ameaçada a subsistência dele, da sua prole.

— Diga... Desabafe...

— Custa muito...!

— ...

— Ando a trabalhar muito longe.

Agora, não recebo o fim do mês...

Quero ir pro trabalho, q'ê longe, só regressarei na próxima semana e não tenho p'ra deixar a minha mulher, os meus filhos! Nem p'ra mim tenho...!

São tempos difíceis! Tempos de crise que os homens fabricam por teorias que escapam ao comum dos mortais... — e molestem os Pobres!

● É proposta uma ajuda a um

Auto-construtor sem hipóteses de comprar duas janelas para a sua nova moradia: «Vem aí a chuva, o vento, o frio, a neve...!»

Entretanto já fornecemos uma ração de leite, diária, à filha do casal. — As janelas ficam por sete contos...

— Vamos fechar a moradia desta família; dar-lhe o acomecho necessário e justo.

O recoveiro dos Pobres não se fez esperar e seguiu de vento em popa!

— Mais um caso arrumado, graças a Deus!

● Aquele Pobre, vítima de trombose, que precisava de um carrinho para se deslocar aos vizinhos, porque «está práqui triste, com'a gente não deseja os bichos do monte» — disse a mulher e nós confirmámos — já tem um veículo de rodas!

Foi assim: Prospectámos a solução que, em última instância, seria uma compra subsidiada nos termos da legislação em vigor. O vicentino pôs-se em campo; aborda o departamento oficial, e o funcionário — qual outro recoveiro dos Pobres — abre logo o melhor caminho:

— Em tempos, uma Viúva quis oferecer um carro usado. Mas, pelo regulamento, não pudemos aceitá-lo. No entanto, registámos o endereço. Aqui está... Procurem. É natural que a senhora ainda tenha o carrinho em seu poder.

O zeloso funcionário acendeu uma luz na alma do vicentino, que seguiu, logo, de autocarro, para a Maia (Porto), percorrendo, depois, a pé, a vasta zona de Milheirós. Pergunta aqui, pergunta ali — e descobre o ovo de Colombo!

— É um carro muito bom, desmontável, de fabrico alemão. O meu marido gostava muito dele...! Rezem dois Pai Nossos por alma dele...

Foi de tal ordem o acolhimento da senhora, que resolve fazer o Bem bem feito: no fim-de-semana traz o carro para a sua propriedade, em freguesia vizinha, onde fomos buscá-lo! Depois entregámo-lo, religiosamente, ao doente — que caiu das nuvens!

**PARTILHA** — Para «amenizar o sofrimento de um doente», cheque da Foz do Douro (Porto). Durban (África do Sul), 10 rands «por alma de minha querida mãe». Mais outro cheque, de Lisboa: «Tenho a máxima admiração pelas pessoas que mercê do seu esforço, procuram uma vida melhor. E, na medida das minhas possibilidades, tento ajudar ano-

nimamente». Coimbra: «Faz amanhã cinco anos que Deus levou a minha mãe. Por alma dela, mando 1.000\$00 para os Pobres. Gostava que distribuissem a importância pelos Idosos». Assinante 16225, do Porto, 100\$00 «para os Pobres». Alcanena: «Uma gota, de uma Amiga». Dar em beleza!

A percentagem do vencimento de uma Licenciada, de Paço de Arcos: 3.800\$. Helena, de Oeiras, «amigã-lhinha» de 100\$00, pedindo a Deus melhoras. Lobelhe (V. N. da Cerqueira), partilha generosa legada num cartão de visita. Assinante 12340, de Cova da Piedade, remanescente de assinaturas de O GALATO postas em dia. Rua 16, Espinho, 1.000\$00 — «primeira contribuição para a Conferência». O Senber há-de soprar na proporcão das aflições que batam à porta dos Pobres! Fragosela de Cima, 100\$00 e carta amiga, que agradecemos. Finalmente: o assinante 17663, do Porto, contribui com a generosa bolsa «Senhora dos Milagres», para o seminarista (de uma família de nove irmãos) a quem estamos a dar a mão. Há outra promessa, de Coimbra, com o mesmo objectivo. A Messe é grande e os discípulos são poucos...

Em nome dos Pobres, muita obrigado.

Júlio Mendes

## Romagem dos Amigos da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo

A Romagem realizou-se no dia 23 de Outubro, em camioneta, às Casas do Gaiato de Beira, Calvário e Casa do Gaiato de Paço de Sousa, em alegre e amigável convívio.

Romagem é a nossa caminhada desde o nascer até morrer. História da nossa vida é o livro que regista as páginas tristes, algumas muito tristes e revoltadas da nossa existência, mas também páginas consoladoras e pacíficas, alternadas com aquelas.

A página registada no livro da nossa vida, no dia 23 de Outubro, ficará saudosa e perpetuamente gravada no nosso coração, na nossa alma.

Saída de manhãzinha, pelo fresquinho. Dia agradável e ameno. Paisagens encantadoras. Auto-estrada maravilhosa. Para alguns uma novidade! Confraternização entre os elementos cheios de boa disposição. Organizadores da Romagem, zelosos e amáveis para todos em geral e para cada um em particular.

Casas do Gaiato — Aldeias compostas de blocos de casas independentes, onde a cor do granito convida ao silêncio e ao repouso. Dentro, agregados familiares com o seu respectivo chefe. Refeitório comum a todos, espaçoso e acolhedor.

A sombra dum frondoso pinhal — no Calvário — exposição dos nossos famélicos variados e apetitosos, onde



A casa-mãe da nossa Aldeia, em Santo Antão do Tojal (Loures).



# Reedição do «PÃO DOS POBRES»

A **procissão** de gente ansiosa por livros de Pai Américo — do **Pão dos Pobres** (três volumes) ao **Doutrina** (três volumes) — não nos permite ficar mudos e quedos! Somos empurrados pela avalanche! Não somos nós que falamos, que **explodimos** — mas os Leitores!

E tanto assim é que o Carlitos angolano — homem pavoroso — uma vez por outra, à hora do correio, continua a não ter mãos a medir para acudir, de pronto, às re-

quisições — e tem de pedir ajuda na embalagem dos livros.

Horas adoráveis! Como adoráveis são as de recepção da correspondência, de vários quadantes; pelo fervilhar das almas, votos formulados, ressonâncias ao Evangelho do Pobre expresso em cada uma das obras que Pai Américo escreveu com tinta de sangue, com marca de Eternidade — saboreadas pelos nossos Leitores, religiosamente.

Lisboa:

«Em devido tempo recebi o

não faltou um bolo de noivado, pelo aniversário de casamento de um casal, alegremente festejado com os «Parabéns a Você».

Momentos solenes de recolhimento espiritual, na linda Capela de Paço de Sousa, com preces de agradecimento e petição, junto à campa do santo Padre Américo, seguidas da Eucaristia.

Enfim, as melhores e agradabilíssimas impressões, que seriam por muitos explicadas durante o trajeto, ao microfone, se este não tivesse avariado.

Quanto a mim, duas notas me sensibilizaram profundamente, perante as quais me curvo respeitosa-

1.ª — O trabalho agrícola — tanto trabalho! — com método, asseio, arranjo, nos campos e nos celeiros, nas adegas, e junto às vacas e vitelinhos, e pelas ruas — feito pelos gaiatos das Casas do Gaiato, tão úteis, tão válidos, dando tão belas lições aos que, sendo fisicamente perfeitos, vagueiam por esse mundo cheio de egoísmo e comodismo sem darem o mínimo contributo para o bem da sociedade.

2.ª — A vida dos doentes do Calvário — chagas vivas de sofrimento — que nos convidam à meditação e reflexão. Afinal, meu Deus, perante estes autênticos *Cristos*, porque me queixo eu dos meus sofrimentos, da minha cruz!...

É uma Força invisível sacode a minha fragilidade humana, um raio de luz animador penetra na minha alma, os meus olhos fixam o Céu, e a minha voz canta baixinho:

É tempo de ser Esperança

É tempo de comunicar

É tempo de ser testemunha de

[Deus

Neste Mundo que não sabe amar!...

Maria Emília

**BEIBE**

R. T. P. — Tivemos, há dias, cá em Casa, uma equipa da Televisão a fazer um pequeno filme para ser apresentado no próximo dia 18 de Novembro, às 7h da tarde. O programa que filmaram foi acerca da agricultura no concelho de Paredes.

Nesse dia ficámos todos satisfeitos por terem cá vindo. Gostávamos que viessem mais vezes, que a porta está sempre aberta.

PEQUENO GRUPO — Nós temos um grupo de S. Martinho (Penafiel) que foi convidado para trabalhar ao menos um dia por semana a apanhar fruta. Nós temos muita fruta e não conseguimos apanhá-la, por isso é que cá tivemos esse grupo para fazer esse trabalho.

Também nos pediram para realizarmos um desafio de futebol para uma taça e empatámos 3-3. Eles trouxeram duas taças: uma pequena e outra grande. A grande ficou para nós. Foi pela primeira vez que tivemos uma! A outra foi para eles. Gostamos muito daquele grupo; é muito simpático, vem sempre pronto para trabalhar. Nós ficamos muito agradecidos.

AGRICULTURA — Na agricultura há sempre trabalho!

Nós já acabámos de encher os nossos silos. Agora, estamos a colher as espigas de milho dos campos e fizemos duas malhas para dar lugar ao milho que ainda está no campo.

VACARIA — Nós, vaqueiros — eu também sou vaqueiro! — temos andado bem, graças a Deus. As vacas lá vão tendo as suas crias: cinco já nascidas, e faltam mais quatro para nascerem este ano ainda.

Elas estão a dar 180 litros de leite por dia. É muita coisa, mas espero que dêem mais!

MAGUSTO — No passado dia 1 de Novembro foi o dia da Festa de Todos os Santos e todas as pessoas fizeram as suas visitas aos cemitérios, metendo flores nas campas. Mas nós não temos flores no cemitério do Calvário. Fomos lá fazer uma pequena visita e rezámos o Terço por todos aqueles que já partiram, que já foram chamados por Deus.

Ao fim da tarde fizemos o nosso pequeno magusto. Todos provámos as castanhas assadas com um bocadinho do nosso vinho, que nos soube bem, graças a Deus.

«Palhaço»

Pão dos Pobres, que a meu pedido tiveram a gentileza de me enviar.

Já comecei a ler os três volumes, mas tem de ser a pouco e pouco — para serem bem saboreados...

Junto um cheque de 500\$00 que se destina a ajuda da sua impressão, pedindo desculpa por ser tão pouco, que o papel está muito caro...

«Que Deus vos ajude!»

Senhora da Hora:

«Estou a ler o Pão dos Pobres com muito carinho e respeito. É uma obra formidável!, que vale a pena ler e reler dia-a-dia. Confesso que não me canso! E peço a Deus que a Obra da Rua tenha sempre continuidade — para bem de todos.

Quero pagar os livros, mas não sei quanto devo! Por isso, mando um cheque de mil escudos para as despesas ou para o que for mais necessário aos Pobres.»

Porto:

«Recebi a colecção de livros de Pai Américo, que agradeço, pois leitura tão humana e cristã enriquece a alma. Que o nosso ego seja só praticar o Bem — em benefício do Próximo!

As obras de Pai Américo ensinam-nos a ser a apóstolos do Bem, na Caridade!

Uma vez mais agradeço a

## NOTA DA QUINZENA

Cont. da 1.ª página

feito, profissional provado!): «É tudo por bem.»

Talvez seja por reacção a esta mentalidade, infiltrada no mundo de hoje, que nós sentimos mais difícil, agora, o aprofundamento da amizade; e, a fundá-la, o reconhecimento justo prestado pelas nossas gerações de anos atrás de que as dificuldades que então nos pareceram dividir, foram, afinal, a causa de uma união que o tempo fortalece e purifica — o reconhecimento de que «tudo foi por bem!»

Padre Carlos

Deus — e a Pai Américo — a sábia Palavra que nos é transmitida.

Por amor aos Pobres, creiam-me sempre ao dispor...»

E mais e mais e mais! — diria Pai Américo, nesta altura.

A laia de confiança, como gostaríamos de referir outras horas deliciosas, que uma primeira recolha e revisão de textos para o 4.º volume do **Pão dos Pobres** (a sair um dia, após a reedição aumentada e actualizada do livro **Obra da Rua**) nos proporcionou recentemente, qual filme vivo dos caboucos à consolidação e expansão da nossa Obra, cuja época tivemos oportunidade de viver com entusiasmo juvenil. O pulsar do coração tresvasou —

não poupando, inclusivé, o nosso Padre Telmo!

Por fim, devemos esclarecer — face à intensa procura de livros da nossa Editorial — que temos mais alguns títulos quase esgotados: o **Calvário** de Padre Baptista e **O Lodo** e **as Estrelas** de Padre Telmo.

Os senhores e as senhoras previnam-se a tempo, pois estas reedições vão naturalmente demorar um pouco, já que temos à bica o **Porta Aberta**, «primeira publicação de fôlego sobre Pai Américo-pedagogo», de especialíssimo interesse para todos os que dedicam a sua vida, e função específica, aos domínios da Pedagogia: pais, educadores, professores.

Júlio Mendes

## Novos Assinantes de «O GAIATO»

O cortejo de novos Assinantes é uma constante diária, graças a Deus! Desde os mais apaixonados que, no seu meio — da família aos amigos — partilham e comungam conosco a vida da Obra da Rua, até aqueles outros que, por desconhecem O GAIATO, um dia lhe tomaram o gosto com os olhos da alma e, depois, se inscrevem como assinantes.

A nossa frente passa uma coluna de Amigos de Norte a Sul do País e outros espalhados pelo Mundo. O assinante 11063, de Tavira, leva um pendão que diz:

«É com imensa satisfação que proponho para assinantes de O GAIATO cinco colegas de trabalho.»

Mais adiante, faz votos pelo «engrandecimento de O GAIATO», cuja afirmação reflecte a verdadeira imagem da precisão.

Os célebres postais-aviso que o grupinho da administração do «Famoso» tem enviado aos esquecidos, além de uma ou outra dor de cabeça por faltas da nossa **desorganização organizada** — pela complexidade da Obra, também — não deixam, porém, de ter um lado positivo, que revela um grande amor pela Obra da Rua. Aqui está:

«Um grande abraço para toda a Comunidade.

Junto envio um cheque para as assinaturas referenciadas e de mais uma, nova, que menciono de seguida — que é de mais um meu filho...»

Parece-me que, deste modo, ficam as contas em ordem. Peço, no entanto, me desculpem o atraso que este ano se verificou, mas é só preguiça. Amigo de sempre e para sempre...»

É uma presença do Porto! Sim, os postaisinhos têm por objectivo alertar os adormecidos. E, como é óbvio, até motivam a inscrição «de mais um filho» como assinante de

O GAIATO! Em quantas famílias a chama do «Famoso» tem já passado de geração em geração!

Mais um atingido — de Belazaima — na mesma linha do anterior:

«As minhas desculpas pelo atraso da minha assinatura do vosso jornal.

Para atenuar a falta para convosco, aqui vai a direcção de um novo assinante...»

Junto cheque..., e espero, logo que possível, enviar mais.

Sempre grato por receber O GAIATO — pois é dos únicos jornais que podem ler-se de ponta a ponta — desejo-vos muita coragem para a continuação da grande Obra de Pai Américo.»

Podéramos continuar. São muitos os pendões, as ressonâncias que a gente topa ao longo da **procissão!** Mas, por mor do espaço, há que fazer uma síntese do desfile: Novos assinantes do Porto, Lisboa, Águeda, Albufeira (Algarve), Montemor-o-Novo, Pardilhó, Póvoa de Santa Iria, Atouguia da Baleia, Braga, Telhado (V. N. Famalicão), Linda-a-Velha, Sobrado (Valongo), Alfena (Ermesinde), Almada, Portimão, Setúbal, Rio Tinto, Coimbra, Viseu, Ermesinde, Mouronho (Tábua), Gondomar, Barcelos, Moure (Vila Verde), Torres Vedras, Santarém, Vila Nova de Gaia, Moreira da Maia, Villar de Maçada, Caldas da Rainha, Murtosa, Cinfães, Aveiro, Fundão, Parede, Malveira, Sintra, Sacavém, Loures, Amadora, Cadaval, Odivelas; França: Villeurbane, Seynod, Belleville e Lyon. Rio de Janeiro (Brasil), Pretória (África do Sul) e S. Joaquim (Venezuela). Não falando, já, de todos os que, aproveitando as suas requisições de livros da nossa Editorial, se vincularam também como assinantes de O GAIATO. E foram muitos!

Júlio Mendes

# Cantinho dos Rapazes

● Vem este Cantinho a propósito de um dos nossos, em viagem, ter falado mal da sua Casa do Gaiato — da Casa que o acolheu desde pequenino! Daqueles que tantos conselhos lhe têm dado, tantas vezes perdoado — e são por amor dele!

As pessoas que o ouviram ficaram tão enojadas que me vieram contar! E eu trago aqui o nosso ingrato para que tu medites e colhas a lição.

Tantos exemplos me acodem neste momento!

Um homem que subiu na vida e começou a ter vergonha de seus pais... A sociedade desprezou-o tanto, que ele se viu forçado a emigrar para uma terra distante.

Um dos nossos rapazes que,

apesar de sua mãe ser uma prostituta, a recebe com carinho e amor. Que coisa mais linda! Para ele sua mãe é tudo. O tratá-la como rainha é sinal da nobreza do seu coração. Não te dou mais exemplos. Tu compreendes bem.

O mal existe na sociedade. No coração do homem há, também, tendências para ele. Todos nós carregados de defeitos. As pedras negativas não se ajustam a qualquer construção. Saiba cada um de nós escolher o bem... e com todas as pedras belas erguer o edifício da sua própria vida.

Em todos os instantes, à tua frente, os dois caminhos: o bem e o mal; o justo e o injusto; o belo e o feio. Saberes, no momento preciso, onde está o bem, o justo, o belo... e teres coragem de escolher.

É sempre o mal que mais agrada aos sentidos. E quantos de vós o abraçais sem sequer duvidar!

Perante um Mundo que atira para dentro de nós com todas as solicitações para o mal em invólucros de pétalas, cada vez se torna mais difícil escolher o bem — e é menor a capacidade de nos dominarmos a nós mesmos. Só o domínio de nós torna possível a construção de cada um no bem, na justiça e na beleza.

É mais triste, ainda, a situação do jovem que já não é capaz de discernir o bem do mal e, ao acaso, vai no rio dos seus instintos. Quando assim, o homem se afundou... Só sensações à tona d'água.

● Neste Cantinho, também quero lembrar o começo do teu ano lectivo. Pedir que

proveites esta bela oportunidade que tens na mão. Não a atires fora, como, infelizmente, um ou outro tem feito. Não tendo ou não vivendo com a tua família de sangue, tens a tua grande família da Obra da Rua que procura dar-te as oportunidades possíveis.

Porém, nota-se um certo desinteresse pelo estudo! Será pela facilidade que tendes de aprender uma arte? Mas as artes ficam tanto mais valorizadas quanto mais se estudar, ou seja, mais anos tiveres de escolaridade.

É natural um curso de formação profissional; o desejo dum emprego. Mas, muito mais válida e vantajosa, no futuro, a valorização desse curso com melhores habilitações do Ensino Secundário.

Há dias, quando um me

disse, terminantemente, que não queria nem precisava de estudar, fiquei triste. É uma atitude infantil e inconsciente para um rapaz inteligente — que o é!

Evidentemente que para tirar bons resultados no Ensino Secundário se torna necessário tomar consciência e criar o gosto pelo estudo.

Há três anos, encontrei um rapaz amigo, já casado e com filhos. Fiquei admirado quando me disse que tinha recommençado a estudar, pois sabia que o emprego lhe tomava quase todo o tempo. «Se eu aproveitar as horas livres estarei formado daqui a cinco anos» — disse. Está já no 4.º ano de Engenharia!

Quantas horas desperdiças por dia?

Fico por aqui. Estas notas nasceram do desejo do teu aproveitamento escolar, no ano que principia.

Padre Telmo

## O Óbulo da Viúva

Reviamos as provas da última edição de O GAIATO. Hora cheia! E atendíamos o resto que nos passa pela mão — a nossa vida.

A porta, assoma um discreto vulto negro. Pé-ante-pé, olha, avalia. Espera um nadinha, com paciência. Depois, em contraste com a euforia dos jovens que nos cercam, entra de mansinho, silenciosamente.

— Não m'é estranha!...  
— Pois não! Sou d'Amarante...

Terra marcada pela Natureza (oh serra do Marão!), pelo seu povo, pela sua História que Pai Américo nos ensinou a amar — como só ele sabia!

Pousa a bolsa no chão, qual fadiga que a idade não perdoa. Oferecemos um cadeira para repousar. Hesita. É um fervilhar na secção!

— Como, este ano, não deram Festa em Amarante..., venho cumprir a minha obrigação. Leio O GAIATO há muitos anos!

Abre a saca. Ajeita o lenço. Sai da cadeira. E desfia:

— Aí têm mais cinco novos assinantes d'O GAIATO, emigrantes em França. Quero pôr também a minha assinatura em dia.

Em nossas mãos coloca, então, uma pesada nota do Banco de Portugal.

— Não será demais?! — advertimos.

— Não é, não senhor! Apesar de ser Viúva, e pobre, é a minha obrigação!

O Carlos Alberto — eventual companheiro no trabalho de revisão de provas — não fica também insensível. Estanca profundamente o olhar, qual alma que sangra!

— Sabe?, fui criada de servir... Casei... Depois, segui para África na companhia do meu falecido marido. O Mundo dá muitas voltas!...

Suavizamos a natural emoção.

— Vim, de camioneta, até lá acima...

— A Ribeiros Altos?

— Sim senhor. E como não havia logo outra praqui, o remédio foi vir a pé.

— Três ou quatro quilómetros a pé?

— Não reparem! Esta viagem é uma peregrinação... Conheci muito bem o Pai Américo. Tenho saudades dele...!

Volta a pegar na saqueta e olha, então, para nós outros, com mais solenidade — como quem deseja cumprir um voto:

— Tenho aqui uns rebuçaditos prós «Batatinhas». Inda agora os vi, ali, em grupo.

A recolher folha caduca — como quem brinca — na bela avenida da nossa Aldeia.

— Ainda há tempo suficiente; a próxima carreira será à uma da tarde. Prefere distribuir os rebuçados pela sua mão?

Palavras que dissemos!

— Pois sim...!  
A Viúva fica tão embargada, que umas lágrimas benditas — de satisfação interior — bloqueiam, com veemência, os breves vocábulos da despedida!

Tão discreta como chegou, lá foi, sozinha, pelo seu pé, adotar a boca e alma dos «Batatinhas».

O Óbulo da Viúva — canonizado por Jesus de Nazaré!

Júlio Mendes

Padre Moura

## Aqui, Lisboa!

Cont. da 1.ª página

te homens». Ora, os velhos ou anciãos são seres que nos devem merecer o maior respeito e carinho, sendo certo que os jovens d'ontem precedem, nos alcatruzes da vida, os idosos de amanhã, isto é, os jovens d'hoje, pois, sendo o envelhecimento um processo biológico de desenvolvimento contínuo, ele principia com a concepção e finda com a morte.

Há que integrar na sociedade os anciãos, permitindo-lhes uma vida digna, não só por justiça como por gratidão. Ao contrário, e se «a grandeza de uma civilização se mede pela atenção às pessoas idosas» (João Paulo II), o que verificamos no dia-a-dia, demonstra à sociedade o materialismo atroz que caracteriza os tempos em que vivemos e a justiça das palavras do Sumo Pontífice, ao afirmar que «o homem contemporâneo vive sob a ameaça dum eclipse da consciência, duma deformação da consciência, duma anestesia das consciências».

A integração na sociedade, em geral, supõe, a que deve realizar-se prioritariamente na família, espaço ou comunidade de pessoas, onde — citando ainda o Papa — «à luz da mensagem evangélica, os componentes de todas as idades convivam juntos, no respeito dos direitos de todos: da mulher, da criança e do ancião». A crise da família explica as monstruosidades apalçadas, autênticos crimes de lesa-humanidade, pois, «quando uma família não quer em casa as pessoas do próprio sangue, da primeira e da terceira idade, as crianças e os anciãos, e de algum modo ou forma descuida uma e outros, não merece certamente o título de comunidade de amor».

Continuaremos.

Padre Luiz

## DOCTRINA

● O Pobre é coisa tão santa — e tão divina a missão de O servir — que unicamente sabe o que diz quem for pobre ou servo deles.

● O verdadeiro Pobre é irmão de Jesus Cristo — Mihi fecisti — e o bem que se lhe faz, é sacramento da Igreja.

● A melhor maneira de resolver os grandes males alheios, é cada um fazer todo o Bem que puder dentro da sua pequenina esfera de acção. Nem há arma eficaz para combater o Mal do que a prática do Bem.

● Senhor! Que eu saiba sempre pegar na vida dos Pobres com jeito e com muito amor, assim como quem abraça cibórios de Pão Vivo, rentinho ao coração!

*Padre Amín. S.!*

## PARTILHANDO

Cont. da 1.ª página

Pelo serviço de se doar à comunidade. Então, a sua voz é ouvida!

Até nas tardes sem sol!...

● Pelas serras de Montemuro, onde estive uns dias, vê-se passar a vida simples e pobre do Campo, arrancada aos montes cobertos de penedia tão árida e bonita! Gente de aspecto simples, com «capuchas», mas sem miséria. A miséria das cidades!...

Há lá pobreza, sim. Há, até, um caso ou outro de crianças sem pai e sem mãe capazes. Mas não há crianças abandonadas! Elas são absorvidas pela comunidade. Aceites e assumidas pelas famílias da aldeia. O espírito comunitário das famílias dá, assim, o pão e o amor que, alguém, sem culpa, não teve. E também o espírito cristão assente numa certa pureza de costumes que dá luz ao que é escuridão e mistério... Isto é Amor!

Ah, a cidade do progresso... e dos retrocessos! Ai vai ela, a correr, levar a sua «mensagem» a todos os lados.

Quem é que lhe escapa?

Um dia, e não muito distante, nem as serras do Montemuro...

Que pena!

● Ao chegar a Casa, o «irmãozinho» cumprimenta-me deste modo:

— Olhe que o «Quicas» disse malcriadices!

Ainda não tinha pousado os sacos de viagem e os olhos mal abertos por umas manhãs frias bem dormidas — e aí está o que é aterragem em voo picado! É a nossa vida! Tal e qual como se eu não estivesse ausente, aqueles dias! Quem está com eles, não há partidas nem chegadas para eles. Tudo é presente. Nem passado nem futuro. Como é difícil!...

O mais pequenito de todos — o «Lito» — que tem à beira de quatro anos, saudou-me com estas palavras: «Eu hoje não estou chatiado». Ainda bem! Que os olhos grandes dele, tristes, entristecem meio mundo cá de Casa... E, para mim, foi um brinde que deu para equilibrar o prato da balança. Um contra-peso!... E aí de nós se não fossem os «Litos» a equilibrar o peso dos «Quicas»!... Oh, se não!



**O Gaiato**

Director: Padre Telmo      Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — 4560 PACO DE SOUSA — Telef. 952285  
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paco de Sousa